REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

9.º ANNO — VOLUME IX — N.º 286

1 DE DEZEMBRO 1886

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Começamos hoje esta chronica por uma boa noticia — está completamente restabelecido da enfermidade que por tanto tempo deu cuidado á sua estremosa familia e aos seus numerosos amigos o sr. conselheiro José Luciano de Castro, illustre presidente do conselho.

Alguns amigos de s. ex.ª, em signal de regosijo pelo restabelecimento do illustre homem d'Estado, promoveram um *Te-Deum* em acção de graças, *Te-Deum* que se celebrou no domingo ultimo ás duas horas da tarde, na egreja da Encarnação.

Esse *Te-D.um* foi occasião d'uma manifestação imponente da sympathia pessoal, da estima unanime que justamente gosa em Lisboa o notavel estadista.

A concorrencia a essa solemnidade tão significativa, foi verdadeiramente extraordinaria e todos os amigos pessoaes do sr. José Luciano, amigos sem distincção de côr politica, foram cheios de sincero jubilo e de verdadeira alegria assistir a esse acto religioso que celebrava o restabelecimento d'um homem que pelo seu caracter, pelo seu talento, tantas sympathias pessoaes gosa entre nós, sympathias tanto mais raras de conservar quanto mais alto é o cargo que se occupa, e o sr. José Luciano occupa o cargo mais eminente que póde haver nos paizes liberaes.

No fim do *Te-Deum* quasi todas as pessoas que enchiam a egreja foram á capella mór apertar a mão do illustre presidente do conselho, que agradecia commovido tão brilhante e imponente manifestação de sympathia e de consideração.

Temos hoje uma novidade que raras vezes os theatros de Lisboa nos dão: — uma peça original.

Bastava este titulo para nos levar ao theatro de D. Maria na noite de vinte do passado se não nos impellisse para lá a amisade que ha muitos annos nos liga ao auctor da *Eva*, e a muita sympathia que temos pelo seu provado talento.

Lino d'Assumpção não é um *novo* na carreira litteraria; ha muitos annos que o seu trabalho persistente e valioso lhe tem aberto caminho no jornalismo portuguez e brazileiro, e aureolado, d'uma reputação muito distincta e muito merecida, o seu nome.

Depois de ter collaborado em muitos jornaes em Lisboa, de ter escripto peças a correr para theatros de segunda ordem, Lino d'Assumpção, ha muitos annos, partiu para o Brazil e por lá esteve largo tempo mais ou menos mettido sempre na vida litteraria, redigindo varios jornaes, dando aos theatros fluminenses algumas peças imitadas ou traduzidas.

Recentemente voltou para Lisboa, entrou para a redacção effectiva do *Correio da Noite* e umas impressões de viagem muito interessantes que alli publicou chamaram logo a attenção do publico para o novo redactor do *Correio*.

N'essas impressões de viagem notava-se um bello humor de chronista, um tom despretencioso e original, que captivavam o leitor.

Lino d'Assumpção jornalista triumphara pelas mesmas qualidades caracteristicas do cavaqueador: uma verve prompta e espontanea, uma jovialidade alegre e despreoccupada, uma originalidade frisante na maneira de dizer, ás vezes desmanchada, negligente mas por isso mesmo talvez attrahente e muito individual.

Entretanto apezar do seu largo tirocinio litterario Lino d'Assumpção nunca abordára a serio o theatro.

A *Eva* portanto póde-se dizer que é a sua estreia dramatica, que é o seu primeiro passo a valer, n'essa carreira em que até agora apenas appareceu de vez em quando com trabalhos de fancaria, feitos a correr, sem pretenções litterarias nem artisticas.

Temos portanto uma peça original, e ao mesmo tempo uma primeira peça, motivos para sermos mais minuciosos na sua analyse, mais francos na sua apreciação, tanto mais que no auctor da *Eva* ha bastante talento para se lhe poder dizer sinceramente o que temos por verdade, na peça ha qualidades relevantes que se podem antepôr á enumeração dos defeitos.

Em primeiro logar na *Eva* de Lino d'Assumpção o que nos agrada menos é o titulo.

Primeiro porque esse titulo nos fez antever um estudo especial de mulher, o estudo da *Eva*, com todas as suas virtudes e com todos os seus vicios, e no fim de tudo não encontramos esse estudo, pela simples razão de o auctor não o querer fazer nem pensar n'isso e ter posto á sua peça o nome de *Eva* como lhe poderia ter posto o de Francisca, Joanna ou Amelia.

Sabemos perfeitamente que isto é uma futilidade, mas é uma futilidade que prejudica um pouco a peça, porque o publico fica um bocado mal humorado, como lhe acontece sempre que não encontra aquillo que ia imaginando encontrar.

E depois esse nome de Eva, muito pouco vulgar, dá um effeito comico em scena, quando a protogonista é tratada por *senhora dona Eva*, um effeito comico terrivel no cartaz onde esse nome apparece junto ao appellido: *Eva Pessoa*, um bello nome, um achado, devem confessar, para uma caracteristica de qualquer comedia de *charge*.

Repetimos, estas observações são muito futeis, mais futil ainda a segunda que a primeira, mas fazemol-as porque quando iamos para o theatro ouvimos commentar um grupo de espectadores, com grandes gargalhadas, o nome da protogonista e porque no fim de tudo, em theatro, e n'uma primeira representação principalmente, estas disposições do espirito dos espectadores não são tão indifferentes como se póde julgar.

O *successo* ou a queda de uma scena, d'uma tirada, de um acto, e mesmo d'uma peça, depende ás vezes d'essas pequeninas coisas insignificantes, totalmente alheias ao merecimento da obra.

Não ha muito tempo ainda que no theatro do Gymnasio, na primeira noite da representação d'uma peça de Dumas filho, a *Diana de Lys*, o effeito d'uma scena foi completamente escangalhado por um engano d'uma actriz.

A sr.ª Emilia Adelaide, que fazia o papel de Diana, entrava em scena e fallava a um secretario de embaixada que se chamava Maximiliano não sei de quê, um nome qualquer allemão.

ANTONIO SOARES DOS REIS,
PROFESSOR DE ESCULPTURA DA ACADEMIA PORTUENSE DE BELLAS-ARTES
(Segundo uma photographia de Silva Pereira)

A illustre actriz entra e diz-lhe: — Como está sr. Maximiliano de Azevedo!

O publico desata a rir do equivoco, e fossem lá valer á scena!

Em theatro é preciso olhar para todas estas coisas e o nome d'um personagem não é coisa tão pouco importante como aos profanos se afigura.

Ponham um appellido comico a Othello, cnamem-lhe Othello Camello Carqueja por exemplo e as scenas mais terriveis da tragedia Shakespeariana serão recebid.s á gargalhada: imaginem Hamlet chamando a Ophelia, Ophelia da Costa e digam-me qual será o effeito do famoso dialogo,— «vae para um convento, vae metter-te freira.»

A escolha do nome de Eva, denota pois, em Lino de Assumpção, falta de pratica d'estas coisas de theatro, inexperiencias que no andamento da peça se accentuam e que constituem por assim dizer os seus principaes defeitos, defeitos excellentes, porque filhos da inexperiencia tem na experiencia o remedio seguro.

O 1.º acto da *Eva* é um explendido acto de apresentação.

Tem interesse, tem vida, tem espirito, tem uma coisa difficilima de conseguir em theatro o enlace do comico e do dramatico, como por exemplo no dialogo do padre, do capitão e do marido de Eva, que está magistralmente feito e bastaria para revelar um auctor dramatico.

O final d'esse acto é um achado, como tambem um achado a scena do ultimo acto, entre o pae, a mãe e a filha, uma scena encantadora, de uma bella philosophia theatral, d'aquella que não se estiraça em longas tiradas, mas que resulta da situação nitidamente exposta.

A excellencia do 1.º acto da *Eva* é tambem uma inexperiencia do debutante.

Os auctores já feitos, que tem sciencia que só dá a larga pratica, poupam-se nos primeiros actos, porque sabem pela experiencia que um primeiro acto magnifico é um perigo enorme para os actos seguintes, que necessitam ser tres ou quatro vezes melhores do que esse, para produzirem effeito depois d'elle.

E a *Eva* resentiu-se d'isso: o melhor acto é o primeiro; os outros tem scenas excellentes, tem interesse, tem boas situações, tem dialogos magnificos, mas esmorecem em cima d'esse primeiro acto que é realmente bom e que além d'isso é primeiro.

A peça tem uma grande qualidade — a unidade de acção — todo aquelle drama se passa n'uma noite, mas d'essa qualidade resultam desvantagens, como por exemplo a de não ter tempo de deixar desenharem-se bem todos os caracteres, alguns dos quaes apparecem confusos e indecisos ao espirito do espectador e a de necessitar de um *tour de force* que o espectador não acompanha muito bem, para metter n'uma só noite, todo o primeiro acto que já se passa de noite, a *soirée* da viscondessa, os preparativos do duello e o suicidio de Eva.

Depois a precipitação com que é necessario agrupar todos esses varios episodios a seguir, em pontos diversos, e levar a esses diversos pontos, todos os personagens importantes do drama, faz com que esses personagens andem n'uma dança que custa a justificar logicamente, e que apparecam em sitios onde a sua presença não tem explicação plausivel, como por exemplo a da viscondessa e do inglez em casa de Eva, no ultimo acto e de mais a mais juntos no mesmo trem, o que faz uma confusão enorme no espirito do espectador, ácerca do caracter d'aquella viscondessa, que não se sabe muito bem se é honradissima como ella diz, ou se não é como parece, uma mulher viuva que anda de madrugada a passeiar de trem fechado com o seu noivo.

E póde se dizer que são estes os defeitos capitaes da peça, defeitos que vem de uma qualidade — a unidade de acção, e que vem principalmente da inexperiencia theatral do auctor.

Agora as boas qualidades da peça, cujo inventario minucioso seria mais longo e que resumimos, porque o espaço nos vae faltando,

A acção bem conduzida, interessando todos os personagens da peça, onde não ha nenhum que seja uma excrecencia, que não tenha razão de ser, que não seja necessario ao andamento da peça: o dialogo brilhantissimo, sem preoccupações rhetoricas, muito natural, muito fluente, um pouco difuso aqui e alli, mas tendo a miudo scintilações de phrase, faiscas de espirito que lhe fazem esquecer as longuras que porventura se lhe notassem: o elemento comico aproveitado com uma sobriedade de bom gosto, entrelaçado perfeitamente na acção dramatica; situações de primeira ordem, achadas com instincto de mestre, e traçadas vigorosamente, com um traço seguro que denuncia uma decidida e brilhante vocação dramatica.

É resumidas todas as qualidades da *Eva* e todos os seus defeitos e tirado o balanço, com a maior severidade, resulta um grande saldo a favor do auctor da *Eva*, que decididamente tem o estofo de um dramaturgo.

O desempenho incumbido aos principaes artistas do theatro de D. Maria, foi muito egual sobresahindo n'elle João Rosa, Brazão e Antonio Pedro.

A *Eva* foi muito applaudida e com justiça: apezar de estreia é muito melhor que muitas peças que a França manda para cá sanccionadas com o applauso de Paris, e como estreia revela um auctor dramatico, do talento do qual tem muito a esperar o theatro portuguez.

O Colyseu teve no dia 29 uma grande festa sympathica, a festa militar promovida por uma commissão de officiaes em beneficio dos dois soldados mutilados em Sacavem.

A concorrencia a esta festa brilhantissima foi enorme. Os bilhetes eram disputados com avidez, e o aspecto do Colyseu n'essa noite era radiante.

A festa correu animadamente, constando principalmente de trabalhos gymnasticos por curiosos illustres socios do Real Gymnasio Club, uma romanza cantada pelo sr. Vidal, de S. Carlos, varios trechos de musica pelas bandas da capital sob a direcção do mestre Gaspar da guarda municipal, e evoluções equestres executadas por oito distinctos officiaes de lanceiros, e que foi o numero do programma mais enthusiasta e applaudido.

Honra seja a todos esses bravos militares pela santa intenção da sua festa, e pela brilhante realisação que lhe deram.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

ANTONIO SOARES DOS REIS

Professor de esculptura na Academia Portuense de Bellas Artes

Por não ter chegado a tempo de se inserir no presente numero o artigo que diz respeito a esta gravura, irá no numero proximo.

A CRUZ DO MILAGRE

Quando no dia 1.º de dezembro de 1640 se levantou em Lisboa o grito de independencia, reuniu na Sé de Lisboa o cabido tendo á sua frente o arcebispo D. Rodrigo da Cunha, prelado illustre nas lettras e nas virtudes.

Depois da collegiada ter resado na capella-mór sahiu para a rua processionalmente acompanhada do arcebispo, e com a cruz archiepiscopal á frente.

Chegando a procissão ao largo de Santo Antonio da Sé, desprendeu-se da cruz a mão direita do crucificado, e esta circumstancia que hoje seria considerada um accaso ou combinação habil, foi tomada pelo povo á conta de milagre, o que não deixou de influir no espirito do mesmo povo, como de bom agouro, encorajando-o para a tremenda lucta que se ia travar.

É essa cruz, que se guarda na Sé de Lisboa, como uma reliquia preciosa e uma recordação historica da temeraria revolução, que reconquistou a independencia da patria, que a nossa gravura representa, fielmente copiada, e que hoje enriquece o já valioso repositorio de preciosidades historicas archivadas nas paginas do OCCIDENTE.

MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA
TORPEDEIRO N.º 2

O governo portuguez encommendou ultimamente em Inglaterra, tres barcos torpedeiros, dos quaes chegou ao Tejo, no dia 30 de outubro findo, o n.º 2 que a nossa gravura, feita sobre um desenho do nosso collaborador artistico, o sr. José Pardal, representa.

Este torpedeiro foi construido pela casa Yarrow & C.ª, e partiu das dokas de Blackwall, no Tamisa, a 6 de outubro, sob o commando do capitão-tenente Cesario da Silva, official experimentado no convivio com as ondas, e tendo por immediato o tenento Aleixo Ribeiro, outro brioso official que começa a honrar a marinha portugueza. O machinista Magalhães com os seus fogueiros e sete marinheiros completavam a guarnição do navio que de Londres devia vir até Lisboa.

O pequeno barquinho largou ao mar com tempo favoravel e navegou ao longo da costa da Grã-Bretanha sem novidade, entrando em Dartmouth a tomar carvão.

Ás seis horas da manhã do dia 8 deixou Dartmouth dirigindo o rumo para o cabo de Finisterra, com tempo bonançoso que fazia prever uma viagem commoda, tão commoda quanto póde ser a bordo de um barco d'aquella natureza, onde não ha commodidade nenhuma, para só se attender ao limitado volume e leveza do navio.

O espaço é medido com a mais rigorosa parsimonia; dorme-se, se dormir se póde, n'uns berços onde o corpo não póde mudar de posição; a tolda do barco é o unico espaço onde as pernas se poderão mover mais livremente, mas o jogo extraordinario do navio e o constante estremecer da machina, exigem equilibrios perigosos aos tripulantes, que a cada momento correm o risco de ir pela borda fóra. A gente da machina tambem não está melhor, porque o espaço onde tem que funccionar é tão limitado, que o mais ligeiro movimento discuidado não só põem em perigo todo o navio, como o proprio corpo do machinista ou fogueiro de ser colhido por qualquer peça do machinismo que o faça em pedaços. Lá em baixo é um inferno e para sair cá para cima, que pouco menos inferno é, tem o individuo de se espalmar por umas aberturas estreitas, que uns tantos milimetros a mais de espaduas é o sufficiente para as não poder transpôr.

N'estas condicções é claro que mesmo com um tempo de rosas, qualquer viagem em torpedeiro é um grande sacrificio, que só a necessidade póde tornar acceitavel.

Imagine-se o que será então uma viagem atravez de um temporal desfeito, como aconteceu a este barco, pouco depois de ter largado de Dartmouth.

Pela noite principiou a levantar-se vento fresco do sul que depois rodou ao sudoeste; o mar cresceu em ondas enormes, e os aguaceiros succediam-se com pequenos intervallos.

O torpedeiro galgava por sobre os vagalhões que ora se quebravam de encontro a elle, seguindo na esteira da poupa com uma violencia que desordenava os movimentos da helice, ora o accommettiam de prôa, sem dar tempo a orçar, ameaçando tragal-o a cada momento com as suas catadupas de agua que por instantes o cobriam.

Os dois officiaes na tolda, amarrados aos pequenos mastros, eram os primeiros que arrostavam contra a furia dos elementos.

O machinista fazia esforços titanicos para dirigir a machina, a que a força do mar perturbava as suas regulares funcções, e se a tempestade ameaçava distruir o atrevido barquinho, a machina, n'estas condicções, não era um perigo menos para temer.

Os pharoes não se conservavam acceses e esta falta podia trazer consigo o abalroamento com qualquer navio que mettesse no fundo aquella casca de noz.

Alta noite poz se á kapa, mas isso em nada melhorava a situação.

O movimento vagaroso da machina (uma coisa que nem todos os torpedeiros podem fazer por lh'o não permittir a machina) dava em resultado o barco, por momentos, mergulhar de mais á ré e então a helice não se movia, sendo preciso immediatamente abrir a entrada do vapor, mas quando o navio levantava a pôpa o helice trabalhava em falso, com uma velocidade vertiginosa se não se fechasse logo a entrada do vapor.

Comprehende-se facilmente o esforço sobre humano que era preciso fazer para o machinista attender a estas irregularidades que punham em perigo a vida de quantos alli iam.

E n'estas alternativas, á kapa on correndo a toda a força sem saber para onde, seguia a viagem, até que um salto de vento para o noroeste abonançou o tempo e desanuviou o céo, podendo os officiaes tomar a altura do sol e reconhecer que estavam proximos do Canal de Inglaterra.

Aproou a Brest, e navegando a toda a força, voava por sobre as vagas, mesmo as desencontradas que lhe batiam no costado, dando mais uma prova da sua valentia.

Ao fim do dia avistava-se a costa de França e procurava se entrar em Brest, mas apezar dos signaes a pedir piloto este não apparecia porque o tempo era ainda bastante mau.

Teve o torpedeiro de fundear na pequena bahia de Bertheaume que poude alcançar guiado pelos pharoes, e alli passou a noite, podendo a guarnição descançar um pouco, ao fim de tantas horas de lucta, sem socego nem alimento e com a roupa completamente encharcada no corpo.

De manhã levantou ferro para o ir deitar no porto de Brest, onde se demorou alguns dias á espera de melhores noticias do tempo que animassem a proseguir a viagem.

No dia 21 os telegrammas dos postos meteorologicos de França annunciaram tempo mais brando,

e o commandante resolveu continuar a viagem para Lisboa.

O bom tempo, porém, durou pouco; no dia seguinte principiaram a cair aguaceiros de oeste com vento fresco, que fez crescer a vaga e de novo se travou a lucta.

Com muita difficuldade conseguiu o torpedeiro deitar até Vigo em a noite de 23, com grande pasmo dos hespanhoes que não queriam crer que aquella casca de noz viesse de Brest, debaixo d'um tempo d'aquelles.

A demora em Vigo foi menor, porque a impaciencia dos officiaes em concluir a viagem, já era grande.

Depois de terem enxugado as roupas, de se alimentarem mais confortativamente e de attestarem o barco de carvão, pozeram-se ao mar e d'esta vez com melhor sorte, porque tendo partido de Vigo ás 3 horas da tarde do dia 29, chegaram a Cascaes ás 7 horas da manhã seguinte.

E assim se realisou a primeira viagem do torpedeiro n.º 2, que se póde considerar um dos maiores arrojos da marinha portugueza, nos tempos modernos, que não deslustra as gloriosas tradições de outras epocas.

O torpedeiro está abrigado n'um telheiro em Motella, proximo de Cacilhas, construido para esse fim e para arrecadar os dois que se esperam.

PRAÇA DE D. PEDRO NO PORTO

A praça de D. Pedro é como que o coração da cidade.

Em epochas remotas tanto esse espaço como o ocupado hoje por algumas ruas comvisinhas constituiram extensas hortas, que deram outr'ora o nome á parte da rua do Almada comprehendida entre a calçada dos Clerigos e a rua da Fabrica.

Por muito tempo a referida praça teve o nome de Praça Nova das Hortas, que depois se restringio a Praça Nova, intitulando-se por ultimo, em 1834, Praça de D. Pedro.

O mercado da Natividade, que deu primitivamente o nome de calçada da Natividade á actual rua dos Clerigos, achava-se situado dentro da referida praça, na extremidade sul e oeste.

Proximo d'ella tambem existiu o Postigo dos Carros, que o rei D. Manuel transformou em Porta, denominação que ainda hoje conserva.

A praça de D. Pedro é limitada ao fundo, pelo palacete dos Paços do Concelho, edificio já hoje mesquinho para a importancia da cidade e defronta com a fila regular de predios que constituiram o antigo convento dos Loyos e hoje pertencente á abastada proprietaria a sr.ª D. Joaquina Cardoso.

No centro ergue-se a estatua equestre de D. Pedro IV, obra do distincto esculptor o sr. Calmells, a quem o monumento fora adjudicado em concurso pela quantia de 21 contos de réis.

A estatua é de bronze e o pedestal acha-se adornado de baixos-relevos em marmore de Carrara.

A altura do monumento é de 10 metros.

O pavimento da praça foi ha poucos annos coberto a mosaico.

O BRIGADEIRO VILLACAMPA

Em numeros antecedentes do nosso periodico informámos os nossos leitores do ultimo movimento revolucionario occorrido em Hespanha, em a noite de 20 de setembro, assim como do aborto d'essa revolução que morreu á nascença, conseguindo apenas comprometter os officiaes e soldados que n'ella tomaram parte.

Á frente d'esse movimento, estava o brigadeiro Villacampa que foi preso, e a quem o governo instaurou immediatamente um conselho de guerra, que o condemnou á morte, como traidor á patria.

Estes factos que infelizmente se repetem em Hespanha com uma frequencia, que bem mostra o descontentamento em que aquelle paiz vive, tiveram d'esta vez uma feição especial, que se manifestou na corrente da opinião publica, em favor do bravo militar, que acabava de se sacrificar a uma idéa contraria ás instituições vigentes.

Á frente da opinião publica, poz-se uma joven filha do infeliz militar, e essa creança atterrada pela idéa de seu pae ser passado pelas armas, foi uma heroina da supplica, fez echoar os gemidos do seu coração estremoso por todo o seu paiz e ainda além das fronteiras, pediu ao papa Leão XIII que intercedesse por ella junto da rainha de Hespanha, foi ella propria aos pés da bondosa soberana; os seus olhos já não tinham lagrimas, o seu coração opprimia-se ao peso de tanta dôr, e este facto aliás naturalissimo chamava sobre ella e sobre seu pae a attenção do mundo civilisado, que esperava ancioso pelo *veredictum* da rainha de Hespanha que devia confirmar ou commutar a pena imposta ao mal succedido revolucionario.

Venceu o coração bondoso da mulher; junto d'esse coração havia um berço d'um rei que era seu filho, e a innocente creança que mal despontava á primeira aurora da vida, não podia nem directa nem indirectamente ser responsavel por uma morte; a alvura das suas fachas infantis não podiam ser manchadas de sangue; triste seria a alvorada de um rei que uma nuvem vermelha toldasse a sua luz suave.

Villacampa estava salvo; a rainha commutou-lhe a pena em desterro perpetuo para Fernando Pó. Antes isso. Matar só Deus, se não é uma blasphemia dizer que Deus mata.

Villacampa é um valente militar que tem sempre combatido nas fileiras liberaes do seu paiz, e cujos precedentes não faziam suspeitar, que se insurgisse contra o governo estabelecido.

As sympathias que sempre o teem rodeado, não o desampararam na sorte adversa, e a noticia da commutação da pena, foi recebida com verdadeiro pazer, chegando os proprios republicanos a louvarem a rainha, no que se mostraram muito mais transigentes que alguns esturr dos realistas que não viram com bons olhos a clemencia da regente de Hespanha.

ACTUALIDADES SCIENTIFICAS

XXI

Merlati e Succi. Opinião da sciencia

Merlati e Succi attrahem actualmente em Paris a attenção dos homens de sciencia. Na India os fakires levam a abstinencia a tão extraordinario ponto que se fazem enterrar, ressuscitando do somno cataleptico, em que voluntariamente se haviam immergido durante mezes, aptos para a vida, perfeitamente validos. A Grecia antiga conhecia esses maravilhosos gymnosophistas. Em tempos remotos em Alexandria fizeram-se admirar thaumaturgos extraordinarios e ainda hoje alguns prophetas mussulmanos realisam jejuns tão prolongados que fazem recordar a abstinencia dos Pacomios, Hilariões e outros anachoretas christãos, tão perseverantes como inuteis para a civilisação.

Em todo o caso o que todos esses abstinentes provam é que reside no homem o poder de reacção sobre si mesmo e sobre as energias vitaes, o qual póde modificar e retardar sem extinguil-as, a essas energias. Esse poder é conhecido pelo nome de *nervosismo* ou *nevropathia*, a hysteria dos medicos antigos.

Os extaticos, os fanaticos, e os allucinados teem por causa do seu estado lesão nos orgãos da innervação. Eis a opinião de alguns medicos ácerca do Merlati e de Succi.

— Ambos são historicos, diz o professor Petter. N'estes doentes, como em todos os do mesmo genero, a abstinencia póde prolongar-se de modo surprehendente, especialmente se não são vigiados attentamente, pois é facil que alguem lhes metta na mão pilullas de carne em pó, e por menor que seja a quantidade de alimento, é sufficiente para mantel-os por muito tempo. Mas o limite da abstinencia absoluta é restricto.

— Dujardin-Beaumetz diz: «Não creio nos que jejuam 30, 40 ou 50 dias. O impossivel é impossivel. Entretanto os historicos teem enorme força de resistencia. Ha muito tempo que nós conhecemos pelas observações do dr. Lampereur as perturbações e a especie de suspensão na suspensão que a hysteria produz.

— Lembrae vos, diz o dr. Cretin, os prodigios de abstinencia realisados pelas histericas. Não deveis tambem esquecer que o homem, debaixo do predominio de uma idéa fixa ou de um sentimento profundo e forte, é capaz de modificar, pela intervenção do systema nervoso, as condições de vitalidade das cellulas que compõem os tecidos, os quaes constituem os apparelhos de onde resultam as funcções. Não poderá a nutrição achar-se assim por esse effeito momentaneamente suspensa? É isso certamente um equilibrio instavel, cujas condições fica mpara determinar, e que o mais pequeno choque destruirá.

Merlati é apenas um phenomeno de auto-suggestão. É por um esforço de vontade intensa que Merlati torna o seu systema nervoso capaz de provocar no conjunto dos phenomenos de vitalidade, até ás suas ultimas profundidades, uma especie de suspensão ou de inhibição.

Germain Seé diz que «Succi é um nevropatha. Já esteve n'um hospital de alienados. Individuos d'essa cathegoria apresentam muitas vezes perturbações enormes na nutrição. Algumas vezes é necessario de força ingerir-lhes os alimentos.»

Merlati não se mostra fatigado. Falla, bebe e dorme tranquilla e regularmente. Ingere todos os dias 2 a 3 litros de agua filtrada. Tem 22 annos, seus paes são robustos, e elle nega qualquer antecedente nevropathico. É de pequena estatura, trigueiro, de olhos pretos e vivos e de physionomia energica. Nos 8 dias do jejum que deve prolongar até fazer 50 dias já perdeu 5 arrateis de peso. A uréa, que em principio esteve na proporção de 22 a 25 grammas por litro de urina, apresenta-se apenas na proporção surprehendente de 5 grammas pouco mais ou menos.

Merlati tem por fim fazer-se admirar como um phenomeno. Succi pelo contrario tende a provar uma these: as propriedades do famoso licor de Zanzibar, com um fim humanitario. Em todo o caso a sciencia ganhará com estas experiencias, apesar do charlatanismo servir-se d'ellas para fins illicitos, — elle, que é uma praga que affasta do campo da sciencia os homens serios, que temem comprometter se perante o publico, caindo no ridiculo.

João de Mendonça.

ANTONIO ENNES

(Continuado do n.º 285)

O primeiro drama de Antonio Enues era uma obra de propaganda liberal, uma obra de lucta.

N'essa peça, os *Lazaristas*, personificados no typo do padre Bergerat, um typo muito bem estudado pelo auctor e muito bem realisado pelo actor que o creou — o sr. Joaquim de Almeida, eram violentamente combatidos, desmascarados, por Antonio Ennes, por esse rapaz que tinha recebido a primeira educação n'um collegio clerical, e que desde pequeno aprendera a conhecer o ultramontanismo com todas as suas astucias, todos os seus vicios, todas as suas manhas e todos os seus crimes.

Mas não era só um pamphleto dividido em scenas essa peça com que Antonio Ennes se estreiava no theatro: nos *Lazaristas* havia mais alguma cousa do que isso, havia uma profunda intuição theatral, havia, em alto grau, esse dom especial, que se chama vocação dramatica.

Os *Lazaristas* triumpharam completamente por causa d'isso, porque era um drama de combate, mas antes de tudo um drama, e quando o panno caiu sobre o ultimo acto, todos que assistiam ao espectaculo sahiram de lá com a convicção perfeita e jubilosa de que a litteratura dramatica portugueza, tão pobre e tão decadente, encontrára um valente e poderoso campeador.

E effectivamente era assim, e demonstraram-n'o brilhantemente dentro em pouco, as obras primas com que o grande dramaturgo enriqueceu a nossa scena, e que figuram gloriosamente na primeira plana do theatro portuguez contemporaneo.

Eugenia Milton, um drama em 4 actos succedeu immediatamente aos *Lazaristas*.

Era um peça bem feita, tinha scenas magnificas, caracteres estudados com a observação séria e reflectida que caracterisa o talento poderoso de Antonio Ennes, situações bem achadas, que denunciaram as suas excepcionaes faculdades de auctor dramatico.

Entretanto essa peça caiu, como caem sempre as segundas peças dos auctores que se estreiam com successos ruidosos e extraordinarios, como depois da *Morgadinha* de Pinheiro Chagas aconteceu á *Judia*.

É uma regra geral em theatro.

O grande successo de uma peça prejudica sempre a peça que se lhe segue, e Pailleron sabe-o tambem, que depois do exito colossal do *Monde où l'on s'ennuit* tem addiado de mez para mez, de anno para anno, a apresentação da peça que lhe deve succeder.

Os *Engeitados* a terceira peça de Ennes, tiveram um *successo* franco e merecido.

O exito dos *Lazaristas*, já pago pela queda da *Eugenia Milton*, não prejudicou esse drama em que as excepcionaes qualidades de dramaturgo até então denunciadas nas peças de Antonio Ennes, se accentuaram de uma maneira definitiva e victoriosa.

Nos *Engeitados* não havia como nos *Lazaristas* o calor da discussão, o ardor do combate, a rhetorica vigorosa do pamphleto, a auxiliar o successo da obra de arte.

Os *Engeitados* eram perfeitamente um drama intimo, baseado n'essa eterna questão tão discu-

tida e ainda não resolvida, das Misericordias e dos expostos.

O dramaturgo e o pensador apoderaram-se do assumpto e fizeram uma obra séria, levantada e brilhante, que honraria a mais gloriosa das litteraturas dramaticas do mundo.

A peça produziu profunda impressão e teve um longo e ruidoso successo.

Depois dos *Engeitados* o *Saltimbanco*. Successo sobre successo.

O *Saltimbanco* pertence como drama a um genero differente, ao genero exclusivamente theatral, das situações dramaticas violentas, dos grandes papeis excepcionaes, feitos de proposito para artistas excepcionaes tambem, como a maior parte dos grandes papeis do celebre Frederico Lemaitre.

O talento enorme de Antonio Pedro realisou completamente todas as numerosas difficuldades de que o auctor propositalmente crivára o papel estravagante do Saltimbanco, e o *successo* da peça muito menos litteraria do que os *Engeitados*, foi mais ruidoso ainda e figura entre os maiores *successos* theatraes do theatro portuguez n'estes ultimos annos.

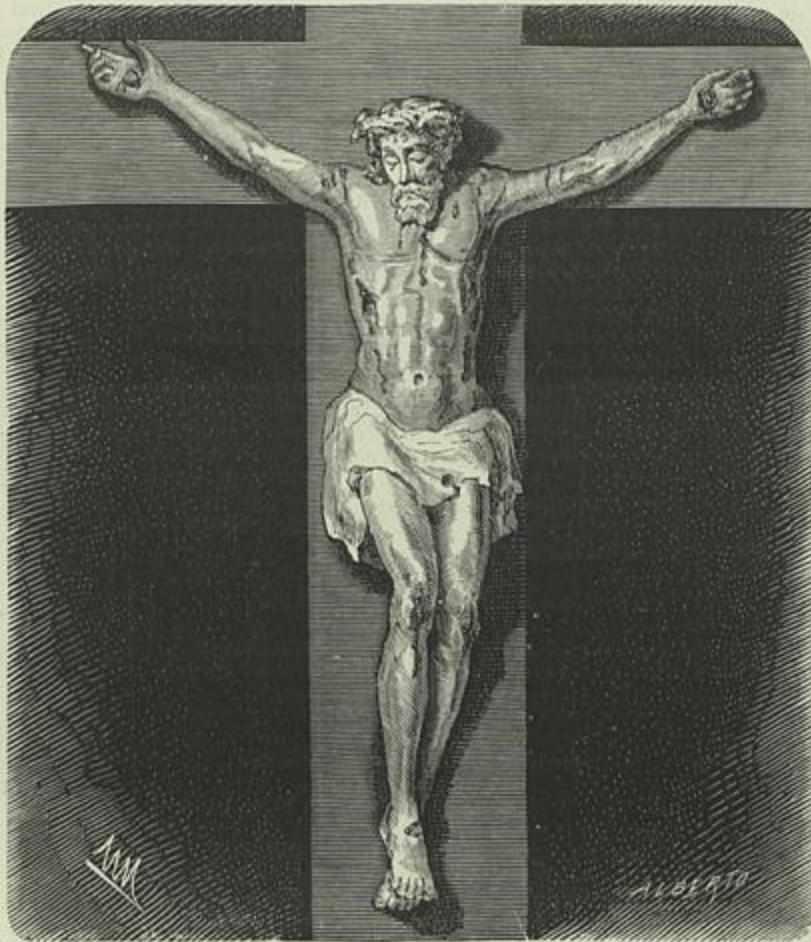
O *Luxo* foi o ultimo grande drama de Antonio Ennes.

Na chronica do OCCIDENTE falámos muito largamente d'essa peça, quando ella se representou no theatro de D. Maria, analysámos muito detidamente todas as más vontades que contra ella conspiraram, d'essa inveja mesquinha, perfeitamente indigena, que morre por apedrejar hoje aquelles que glorificou hontem, e que não consente que haja na nossa terra corôas de gloria sem serem *doublés* de corôas de espinhos, para que insistamos muito hoje aqui ácerca d'essa peça.

Sempre o dissemos e sustentamos, quando de toda a parte se levantou uma guerra miseravel e accintosa contra essa peça, que o *Luxo* era um drama de primeira ordem.

N'aquelles cinco actos havia talento ás mãos cheias, talento do melhor quilate, bastava uma das scenas capitaes da peça, a do final do terceiro acto, para fazer a reputação gloriosa de um dramaturgo em qualquer dos primeiros theatros do mundo.

E tanto isto era assim, que apezar de toda a má vontade que se manifestou contra a peça, o *Luxo* sustentou valorosamente a lucta e deu ainda umas vinte representações se bem nos lembra.

Mas a guerra miseravel e imbecil, levantada contra essa peça, encheu de desanimo e de justa repugnancia o seu auctor.

A CRUZ DO MILAGRE, EXISTENTE NA SÉ DE LISBOA

Em França representou-se ha muitos annos, uma peça de Julio Leconte, intitulado o *Luxo*.

Pois uma das principaes accusações vibradas contra a peça de Ennes, foi que ella era plagiada da peça franceza!

Outros diziam — esses antes do *Luxo* se representar! — que as scenas culminantes do novo drama eram tiradas dos *Reis no Exilio*, o romance de Daudet então em voga.

Outros communicavam em segredo, tambem antes da peça ir á scena, que o *Fromont Jeune et Riser ainé*, de Daudet egualmente, é que tinha fornecido as situações capitaes da peça.

Em summa, o drama de Antonio Ennes era de todos, de Daudet, de Leconte, de toda a gente, menos d'elle!

Quando a peça se representou, como os dois romances de Alfonse Daudet, eram muito conhecidos, o publico viu logo que não havia nada no *Luxo* que se parecesse com elles.

A accusação inepta caiu pela base.

Então a insidia voltou-se para o drama de Lecomte.

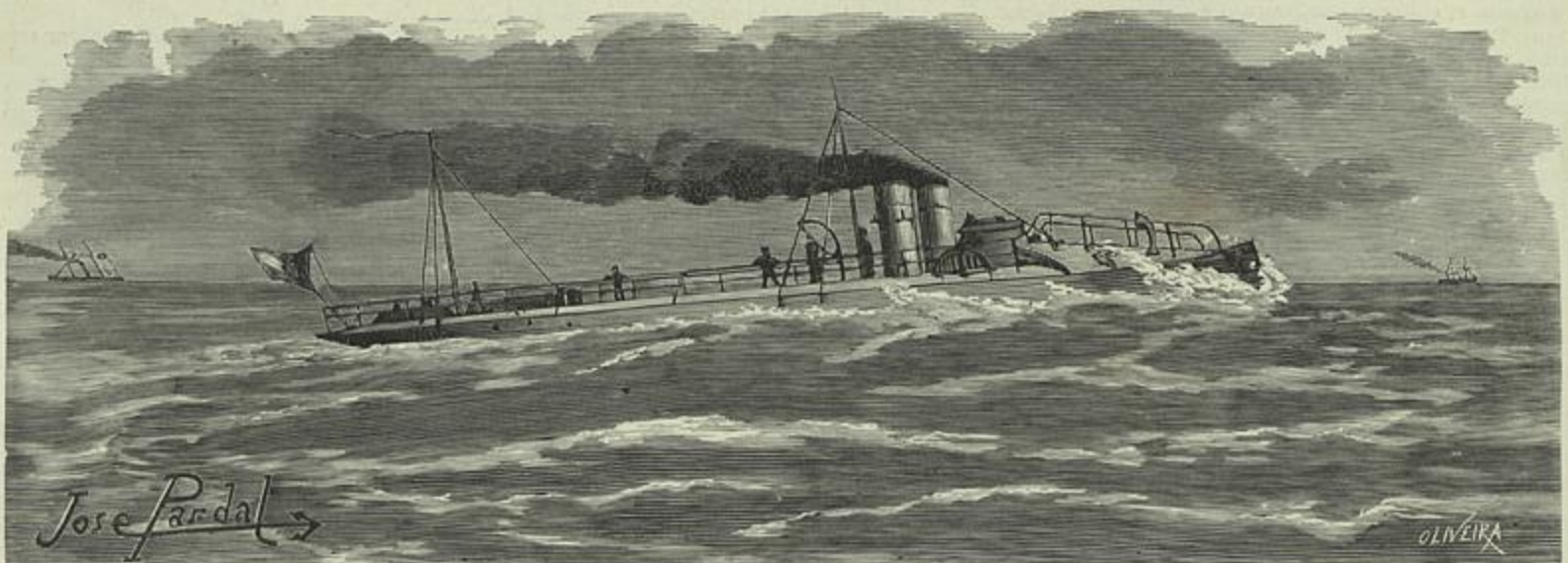
Com esse, a confrontação não era facil. Em Lisboa não se lê theatro francez: conhece-se apenas o que se representa, e o *Luxo* representou-se ha muitos annos, traduzido por Ernesto Biester, e ninguem se lembrava d'elle já.

— Isto é tirado de uma peça franceza, que até tem o mesmo titulo, diziam e escreviam.

E como a maior parte da gente não tinha a peça de Leconte ao lado, como nós tinhamos, para verificar que não havia nada, inteiramente nada de commum entre as duas peças, para verificar que o *Luxo* de Leconte e o *Luxo* de Antonio Ennes, eram duas peças completamente differentes, o mesmo assumpto inspirando dois artistas de indole e de aptidões muito diversas e tratado de modo completamente extranho, com acções diversas, *charpente* diversa, caracteres diversos, situações diversas, — e diga-se de passagem em honra do dramaturgo nacional, tratado com muito mais talento, com muito mais arte, com muito mais elevação, com muita mais originalidade, sem comparação alguma por Antonio Ennes do que pelo dramaturgo francez, como a maior parte da gente, diziamos nós, não tinha elementos para esta confrontação, como os tinha tido para vêr a inepcia e a columnia de accusação de plageato do romance de Daudet, a accusação ficou de pé para muita gente.

Ora francamente tudo isto é vil e repugnante, e enche, senão de desanimo, pelo menos de tedio.

A critica seria embora severa e vigorosa, d'um vigor e d'uma severidade, que se não comprehende bem para as obras nacionaes, desde o momento em que está sempre prompta para a indulgencia e para a admiração para todas as obras estrangeiras, — ouve-se, acceita-se e discute-se.

Agora esse processo summario usado ás vezes pela critica indigena que consiste em analysar a obra a criticar, sem justificar as suas observações — declarar ex-cathedera que as scenas boas são plagiadas, e as scenas originaes são idiotas — que o auctor é um tolo *doublé* d'um ladrão, é um processo unico, de uma originalidade que não honra a nossa critica e que não enriquece o nosso theatro, pois os seus resultados fataes são affastar d'esse theatro exactamente aquelles que mais po-

MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA — O TORPEDEIRO N.º 2, NO ALTO MAR (Desenho pelo artista amador sr. José Pardal)

diam concorrer para a sua gloria, como affastou já os dois mais poderosos talentos dramaticos do nosso tempo, Pinheiro Chagas, depois do *Drama do Povo*, e Antonio Ennes depois do *Luxo*.

(Continúa) *Gervasio Lobato.*

JOSÉ GOMES GOES

(Continuado do n.º 258)

Accresce a tudo isto que, como a sala é pequena, os empregados poucos, o edificio muito grande, e apenas se procurou illuminar aquella pequena parte, é necessario que o leitor peça de vespera ou de manhã o livro que deseje consultar, para o poder ter á sua disposição á noite. Assim se uma circumstancia urgente necessitar qualquer individuo a consultar uma obra de repente, é impossivel satisfazer a essa precisão, e terá de esperar pelo dia immediato.

Isto tudo é incrivel, extraordinario, unico, e só o fervor excessivo de satisfazer ao preceito de uma lei mal pensada, mal discutida e mal approvada, poderia determinar o fallecido conservador e excellente caracter Silva Tullio a dal-a á execução por aquelle modo. E a prova está em que nenhuma das outras bibliothecas satisfez ainda a tal preceito, taes são as difficuldades que para este fim é mister vencer.

Em toda a parte, e entre nós não é isso extranho, antes é constantissimo, os serviços nocturnos retribuem-se pelo dobro dos diurnos; pois na bibliotheca nacional não o são nem pela milessima, quanto mais pelo dobro. O empregado acaba o serviço de dia ás 4 horas da tarde, sae da repartição ás 4 e meia, e quando tem serviço nocturno, que para uns é um dia sim um dia não, para outros de dois em dois, ou de trez em trez, tem que ir a correr a casa, jantar á pressa, vir de novo a correr até á bibliotheca, porque ás 7 ha de estar aberta. Imagine-se quem mora á Estrella, ao Campo de Santa Anna, a Santos, a Arroios, ao Castello

A PRAÇA DE D. PEDRO, NA CIDADE DO PORTO (Segundo uma photographia de E. Biel)

á Graça, ou a Santa Clara, que fadiga não tem para cumprir o serviço; e quando se apresenta uma noite como algumas d'estas ultimas semanas, como chegará á repartição!

A tudo isto accresce que se reduziram as horas de leitura de dia, começando esta ao meio dia (!) e acabando ás 4 horas da tarde, para recomeçar á noite das 9 de inverno, ou das 8 ás 10 de verão (!).

Somos de opinião que as bibliothecas devem estar publicas desde as 9 horas da manhã, até ás 11 ou 12 da noite; não é grande exigencia esta n'uma cidade onde as tabernas abrem ao romper do dia e podem estar abertas até á uma da madrugada, e onde os espectaculos acabam proximo d'essa hora. Ha estudantes, negociantes, industriaes, empregados publicos, individuos de varias profissões mais ou menos liberaes, que estão captivos até ás 4, 5 ou 7 horas da tarde, e só poderão aproveitar a leitura, algumas horas da noite; ha outros que começam a exercer as suas funcções diarias pelas 11 ou 12 horas do dia, e podem aproveitar antes do começo d'ellas, algum tempo na leitura.

Diriamos ainda mais, se os museus, alguns estabelecimentos de instrucção e muitos de outras especies estão abertos aos dias feriados, porque o não hão de estar as bibliothecas? A questão é de pessoal e de retribuições, e hoje que se pretende alargar tanto o quadro da instrucção publica, e quando os conhecimentos humanos, tem tomado tamanha vastidão, que é quasi impossivel a cada um poder adquiril-os e assimilal-os no seio do seu gabinete sem ter meios á sua disposição, achamos que a sociedade tem o dever impreterivel, de ter a toda a hora abertas as portas da sciencia, áquelles que quizerem saciar a sede d'ella. Consentir a taberna, o lupanar, o circo, o café cantante aberto toda a hora do dia e da noite, e ter as bibliothecas e templos apenas abertos alguns dias e por poucas horas, não é curar da civilisação.

Mas, quando manifestamos o nosso sentir n'este assumpto, é claro que desejamos que a sua realisação seja segundo as idéas expostas, attendendo-se a todas as conveniencias do publico, e ás dos seus dignos servidores, os empregados.

Ha quem seja opposto aos bons ordenados; nós temos a opinião contraria; somos opposto ás exiguas retribuições: d'ellas só provém, ou mau serviço, ou prejuizo do servidor. Reduzam-se os quadros ao strictamente necessario, não haja luxo, nem excesso, mas retribuam-se bem, e exija-se bom serviço. É este o verdadeiro principio de boa administração, esta a verdadeira regra de economia.

Ora pelo regulamento de 24 de julho de 1885 foi o quadro da bibliotheca reduzido a 2 conservado-

res de 1.ª classe com o ordenado de 800$000, e a 3 de segunda classe com o ordenado de 600$000 annuaes, além de outros empregados de secretaria e menores. Esta reforma attendeu apenas a melhorar as condições dos empregados, e a não augmentar a despeza votada para aquelle estabelecimento.

Attendendo-se porém bem n'aquelle quadro e percorrendo-se as diversas partes da bibliotheca, reconhece se a insufficiencia d'elle: e muito mais quando virmos que tem a satisfazer-se o serviço diurno e nocturno.

Se a nossa voz podesse ser ouvida, e se alguma vez se attendesse a quem no que diz, apenas segue o que lhe dita a razão, e não tem outra mira senão o aperfeiçoamento do serviço publico, sem se importar com as conveniencias politicas, que são a vermiella, ou o phylloxera da nação, emittiriamos alguns alvitres que nos parecem consentaneos a este assumpto.

Parece-nos que o pessoal precisava ser augmentado com 3 officiaes da bibliotheca e 1 primeiro conservador, ficando só 3 segundos; e os vencimentos seriam de 1:000$000 ou 900$000 para os primeiros conservadores, correspondendo aos chefes de repartição, de 800$000 ou 600$000 para os segundos conservadores, correspondendo aos 1.ºs officiaes, e de 500$000 ou 480$000 para os officiaes, correspondendo aos 2.ºs officiaes das secretarias de estado.

O serviço distribuido por turnos, como nas repartições telegrapho-postaes não carecia de augmento de retribuição. Assim o 1.º turno seria das 9 ás 3 da tarde; o 2.º das 3 da tarde ás 8 da noite, e o 3.º das 8 ás 12 da noite, de modo que de 9 em 9 dias competisse o ultimo turno a um dos 9 empregados superiores. Mas se parecesse rasoavel eximir os 1.ºs conservadores do serviço nocturno, attendendo á sua edade e consideração, ou que as circumstancias de doença, ausencia, ou outros motivos causassem impedimento a algum empregado das classes immediatas, não era aspero o serviço, cabendo-lhes de 6 em 6, de 5 em 5 ou ainda de 4 em 4 dias.

Se da bibliotheca publica passamos á Torre do Tombo o espanto é ainda maior. N'aquella ainda se fizeram duas reformas em vinte e dois annos; mas a organisação do pessoal da Torre do Tombo, e a tarifa dos seus vencimentos quasi que toca as raias do prehistorico, pois tem a data de 30 de abril de 1823. É como que um novo imperio da China.

Custa até crer como um grupo de homens intelligentes, estudiosos e de larga instrucção tenham conservado entranhado amor a um estabelecimento de que tem cuidado com zelo e dedicação inexcedivel, e impossivel de encontrar em qualquer outra repartição publica, em presença de vencimentos de tal maneira exiguos, que é necessario, á maioria d'elles, procurar, fóra das horas da repartição, outras occupações, d'onde aufiram proventos mais francos, do que os que lhe ministra o Archivo Nacional, a famosa Torre do Tombo, conhecida e nomeada em toda a parte, e que mal chegam para a sua subsistencia!

Como ás vezes um que outro pedante, por ter apanhado alguns salpicos de lama em Paris, ter sido roçado pelo vestido de alguma divindade do *Cartier Bréda*, ou assestado o binocolo sobre qualquer *cocotte* na *Grand Opéra* ou nas *Folies Dramatiques*, dirige o seu chasco á Torre do Tombo, por julgar que não ha nada como *faire l'esprit*, e que o espirito é a grande mola da civilisação, contaremos o que succedeu ha poucos annos com um empregado d'aquelle Archivo, n'essa mesma Paris, onde, nos querem fazer crer, que só impera a frivolidade.

Era em 1878, por occasião da exposição universal. Chegára a Paris um official diplomatico da Torre do Tombo; por uma circumstancia qualquer teve que ir á Prefeitura com o passaporte. Ia acompanhado de um amigo e ambos tinham urgencia, porque podiam dispôr de pouco tempo. Ao entrar na Prefeitura ficaram contrariados por verem a quantidade de gente que enchia a sala. Entregaram porém os papeis que traziam, e o nosso amigo lembrou-se de juntar um bilhete de visita, no qual se lia o seu nome e a sua qualidade de official diplomatico da Torre do Tombo de Lisboa, e assentaram-se resignados. Entre as pessoas que enchiam a sala havia, condecorados, coisa muito considerada em França, senhoras e individuos de classes importantes. Poucos minutos eram passados, quando o continuo volta á sala, com um bilhete de visita na mão, perguntando pela pessoa que lh'o havia entregado, e reconhecendo o nosso amigo que era o seu, assim o declarou, sendo immediamente introduzido no gabinete do prefeito.

Este recebeu-o com a maior delicadeza e cordealidade, e entrou em uma breve conversa a respeito do nosso archivo, que sentia não o ter ainda visto, que havia pouco chegára da Allemanha e da Italia, onde vira taes e taes archivos, e ficou muito admirado com a rapida noticia que o nosso paleographo deu do nosso, sobre tudo da quantidade de documentos dos seculos IX, X e XI que encerra, e pediu-lhe desculpa de não poder conversar mais tempo sobre o assumpto, attento o muito que tinha que fazer. O nosso amigo pediu-lhe o favor de despachar o seu companheiro, o que foi immediatamente feito, e despediu-se do prefeito que o acompanhou até á porta do gabinete com a maior affabilidade e demonstração de consideração.

Bem sabemos que não se encontram em toda a parte governadores civis que saibam o que é um archivo, e muito menos que os visitem, mas o que isto prova é que na capital do mundo civilisado se dá importancia ao que a deve ter, ao passo que nós, que possuimos tal preciosidade, a deixamos estiolar. Se o prefeito soubesse qual era o ordenado que vencia o official diplomatico, que lhe estava falando, e qual o cuidado que o paiz mostra pelo archivo nacional, com certeza diria que eramos barbaros e que o nosso paiz estava ao sul de Tombuctu, ou na Patagonia.

O quadro e vencimentos que dissemos estabelecidos pelo decreto de 1827 são: 1 official-maior com 500$000 réis, era então o vencimento dos officiaes-maiores, hoje directores geraes das secretarias de Estado, 1 ajudante do official-maior com 400$000 réis; 4 officiaes diplomaticos com 300$000 réis; 4 amanuenses a 200$000 réis; 1 porteiro e 2 continuos com 160$000 réis cada um, e 1 varredor com 50$000 réis. Podia se em 1823 viver com tão exiguos vencimentos, a que davam augmento os emolumentos; mas hoje, sessenta e nove annos depois, e quando os emolumentos teem descido á média de 30 a 35$000 réis por anno, aquelles vencimentos são além de ridiculos, indecentes, vergonhosos, indignos de um paiz civilisado, e da dignidade dos individuos a quem são conferidos.

É por esta razão que no ultimo concurso para amanuense da Torre do Tombo não appareceu ninguem. Tem havido mãos rasgadas para escrivães de todas as denominações, para varias corporações de todas as variedades, dois vencimentos se teem conservado inalteraveis, os dos empregados da Torre do Tombo desde 1823, e as gratificações dos engenheiros militares desde 1812. Não tem havido ninguem que olhe para esta anomalia.

(Continúa) *Brito Rebello.*

SONETOS E RIMAS

O SOMNO DE UM ANJO

Quando ella dorme como dorme a estrella
Nos vapores da timida alvorada,
E a sua doce fronte extasiada
Mais perfeita que um lyrio, e tão singella,

Tão serena, tão lucida, tão bella
Como dos anjos a cabeça amada,
Repousa na cambraia perfumada,
Eu vélo absorto o casto somno d'ella

E rogo a Deus, emquanto a estrella brilha,
Deus que protege a planta e a flôr obscura,
E nos indica do futuro a trilha,

Deus, por quem toda a Creação se humilha,
Que tenha pena d'essa creatura,
D'esse botão de flôr — que é minha filha.

Florença.

A ESMOLA

Vás para o baile, é hora: as fluctuantes
Gazes te envolvem como as nevoas puras
Que os astros vestem nas azues alturas...
Vás coberta de gaze e de brilhantes;

E emquanto espalhas graças deslumbrantes,
Repleta de opulencia e de venturas,
Ha um milhar de pobres creaturas,
Que se estorcem — na noite — agonisantes:

Moças sem pão, creancas magras, nuas,
Cujo supplicio fôra alliviado,
Se quizesses das pallidas mãos tuas,

N'um santo gesto, rapido e ignorado,
Deixar cair na lama d'essas ruas
Um alfinete só do teu toucado.

VENUS DE MILO

Venus sem braços! Eternal grandeza!
Abençoada seja a mão callosa,
Que te arrancou á entranha criminosa
Da terra e deu-te a divinal Realeza!

Dir-se-hia, oh Deus! que a avara Natureza
Enterrando-a no seio mysteriosa
Occultava-a dos homens, — invejosa
D'esse prodigio enorme de Belleza.

Não ha flamma no sol, flamma tão bella
Como o raio d'aquelle olhar gelado
Que a Arte dirige em meio da procella:

E o Mundo inteiro curva se pasmado,
Roja-lhe aos pés marmoreos, — e vê n'Ella
Um sorriso de Deus petrificado.

A PRIMEIRA ENTREVISTA

Ella não tarda. Disse me que vinha:
Mas quem sabe! Se acaso acontecesse
Qualquer cousa imprevista e não viesse!
Oh Deus do céu! que situação a minha!

E este relogio vil que não caminha!
E o tempo! — uma hora apenas e parece
Noite fechada já! Ah! se chovesse!...
Mas não: alguem tocou á campainha,

Alguem subiu veloz a minha escada:
Ouço um rumor de seda machucada
E uns miudinhos, uns nervosos passos...

Duvido ainda! Espreito delirante:
Abro a tremer — e toda palpitante
Ella cai a sorrir entre os meus braços.

Luiz Guimarães.

Processo do architecto inglez John Coustos

CONDEMNADO PELA INQUISIÇÃO DE LISBOA POR SER PEDREIRO-LIVRE

1743 — 1744

(Concluido do n.º 285)

«Tendo descido do pulpito o prégador, subiram a elle alguns membros da Inquisição successivamente para lerem a sentença de cada réu. Durante essa leitura que durou até ás 10 horas da noite, o condemnado conservava-se no meio da egreja, sustido pelos familiares e conservando na mão uma vella accesa como retractação. Depois da leitura das sentenças que não condemnavam á pena de morte, o inquisidor-mór no meio da egreja, e revestido dos paramentos sacerdotaes, recitou algumas preces d'um livro, emquanto cinco ou seis padres com sobrepelizes percorriam as fileiras dos presos, recitando orações e batendo com uma varinha nas cabeças e hombros dos que escapavam á fogueira: era a ceremonia de levantar a excommunhão. Depois um frade leu do pulpito os processos verbaes das differentes condemnações á morte; depois do que as victimas foram entregues ao braço secular que confirmou todas as sentenças. Eram então seis horas da manhã. A ceremonia durava desde a vespera.

«A procissão pôz-se a caminho e acompanhada por uma escolta chegou ao *campo da lã*.

«Os condemnados ao fogo foram ligados ás estacas por meio de cadeias, e assentados em barris contendo materias inflammaveis. O rei chegou em carruagem de luto puchada por parelhas cujos tirantes eram de corda. Ordenou aos frades que exhortassem os infelizes a morrerem na fé da egreja romana e a declarar que aquelles, que se mostrassem doceis ás exhortações seriam estrangulados antes de queimados. Sua Magestade não se retirou antes de finda a execução.

«N'esse *auto de fé* foram queimadas as seguintes pessoas:

1.º O padre José de Sequeira (1) convencido de muitas heresias e peccador obstinado.

2.º Theresa Carvalho, viuva, culpada de heresia segundo a sua propria confissão.

3.º Francisco Dias Cavaco, tabellião, convencido de heresia e peccador obstinado.

4.º Carlos José, barbeiro, convencido de heresia e peccador obstinado.

(1) No original lê-se «Siquira».

5.º Gabriel Rodrigues Bicudo, sapateiro, o qual depois de ter publicamente abjurado o judaismo n'um precedente auto de fé, tinha tornado á primeira religião na qual havia persistido.

6.º Pedro de Rates Henequim, rico proprietario, condemnado á fogueira por ter inventado, escripto, professado e defendido doutrinas hereticas, ter-se mostrado heresiarca e blasphemo e convencido de impenitencia final.

7.º Josepha Maria, com menos de 20 annos de idade, filha de Gabriel Rodrigues Bicudo, a qual depois de ter abjurado do mesmo modo que seu pae, tinha sido convencida de judaismo uma segunda vez.

8.º Mecia da Costa, viuva, que se livrára n'outro auto de fé, convencida do crime de magia, de se ter desviado da fé catholica e de haver feito um pacto com o demonio ao qual honrava como um deus.

«Quando nos trouxeram da egreja de S. Domingos para a Inquisição eram 10 horas da noite. Entrámos nas cellulas das longas galerias do edificio. As portas das cellulas estavam abertas para que as escolhessemos livremente. Ahi encontrámos palha renovada, um cobertor e lençoes. Não obstante, a falta de aceio inspirou-me uma repugnancia invencivel. As mulheres foram alojadas no andar superior.

«Na semana seguinte alguns presos foram mandados para o logar do seu destino. Os réus convencidos de bigamia foram açoutados publicamente nas ruas de Lisboa. Outros foram mandados para as galés. Eu fui d'esse numero.

«A pressão das galés de Lisboa é construida nas margens do Tejo. Consiste em duas casas muito espaçosas construidas uma por cima da outra. O pavimento baixo encerra os presos e outro aos officiaes da prisão e á enfermaria. As galés são o receptaculo, não sómente dos infelizes poupados pelas fogueiras da Inquisição, mas dos criminosos condemnados pelos juizes seculares. Entre os presos notam-se os turcos e os mouros apanhados a bordo dos navios de corso. Tambem alli se acham os escravos que os amos castigam encerrando-os por algum tempo para sua correcção.

«Os presos, seja qual fôr a sua classe, são empregados nos trabalhos mais peniveis e mais vis. Limpam os esgotos, transportam as madeiras aos estaleiros, fornecem agua ás prisões de Lisboa e aos jardins reaes. A severidade dos guardas chega até á barbaridade, se não fôr adoçada por alguns presentes. Os *grilhetas* são presos dois a dois pelo pé de cada um, por meio de uma cadeia de oito pés de comprido; quando o trabalho o exige pódem suspender esse grilhão á cintura a um gancho de ferro. Cortam-lhe o cabello e a barba uma vez por mez. O fato e barrete é de sarja azul. Dormem sobre um caixote ou tarimba algum tanto elevada do solo e coberta com esteira.

«O alimento consiste diariamente em arratel e meio de bolaxa muito negra e dura. Dá se-lhes por mez 6 arrateis de carne salgada, uma porção de ervilha, lentilhas ou favas, que elles vendem para obterem outras provisões. Erguem-se todos os dias ao romper do dia, com excepção dos domingos e dias de festa. Trabalham até ás 11 horas, em que comem e retomam as suas tarefas até ao occaso do sol.

«Eu fôra mandado para as galés quatro dias depois do auto de fé de que fallei; associaram-me no dia seguinte aos trabalhos dos meus companheiros de infortunio.

«Todavia a presença de amigos que vinham visitar-me bastante vezes, o ar puro, o céo sereno e sobre tudo a esperança de recuperar a liberdade, tornaram-me os trabalhos das galés menos peniveis do que eu esperára. Ainda assim esgotaram-se-me as forças. Eu havia sido empregado em transportar agua ás prisões. Os barris pesavam 3 arrobas (1). Esse peso muito consideravel para os meus membros enfraquecidos pelos tractos causou-me insupportaveis fadigas. A crueldade dos guardas arrancava-me esforços extraordinarios; foi necessario ceder: cahi doente e mandaram-me para a enfermaria, onde estive dois mezes.

«Durante esse tempo fui muitas vezes visitado pelos padres irlandezes do *Corpo Santo*, que me prometteram a liberdade se consentisse em abjurar a religião protestante. Resisti a essas sollicitações. Recorri a um outro meio, cujo successo não poderia ferir a minha consciencia. Meu cunhado era empregado no serviço do conde de Harrington. Mandei informal-o por um dos meus amigos da minha deploravel situação e pedi-lhe sollicitasse em meu favor a influencia de sua senhoria.

(1) O original diz 100 libras. Julgámos mais veros'mil as 3 arrobas que são 96 arrateis ou cerca de 450 kilgrammas.

O conde prometteu e dirigiu se ao duque de Newcastle, um dos principaes secretarios de estado. Esse ministro obteve do rei de Inglaterra que eu fosse reclamado pelo embaixador, como subdito da Grã-Bretanha. Com effeito M. Compton, ministro inglez, pediu a minha liberdade ao rei de Portugal e obteve-a. Foi-me dada a noticia nos ultimos dias de outubro de 1744. Fui levado á presença dos inquisidores. O presidente avisou-me de que o cardeal da Cunha havia dado ordem para eu ser posto em liberdade e ordenou-me que me apresentasse de novo aos membros do Santo Officio em tres ou quatro dias.

«A prudencia exigia que eu ficasse ao abrigo de nova perseguição Como não havia por essa época navio algum inglez no porto de Lisboa, dirigi me ao sr. Vantil, residente da Hollanda e pedi-lhe que obtivesse do almirante hollandez a minha admissão a bordo da esquadra. O residente commovido pela narração das minhas desgraças apresentou a petição ao almirante, que me acolheu generosamente. Apresentei-me então ao Santo Officio e informei o inquisidor de que eu tencionava embarcar para Inglaterra sobre o *Damietta*, commandado pelo vice-almirante Cornelius Screiver. Ordenou me o inquisidor que lhe dissesse com exactidão a hora em que tencionava embarcar.

«— Amanhã ás 9 horas, disse eu.

Então mandou me que me fosse apresentar a elle a essa mesma hora, e avisou-me de que enviaria a bordo alguns officiaes da Inquisição para se certificarem, se eu dizia a verdade.

«Estas palavras fizeram me temer nova tempestade. Tomei a resolução de embarcar immediatamente a bordo do navio hollandez sem informar d'isso os inquisidores. Demorá-mo-nos tres semanas ancorados á vista de Lisboa. Soube depois que os familiares do Santo Officio, enviados pela Inquisição, tinham visitado escrupulosamente o meu alojamento, emquanto outros embarcados rondavam entre os navios hollandezes, como para fazerem um reconhecimento. Os seus esforços foram inuteis. Cheguei a Londres a 15 de dezembro de 1744.»

Eis como o dr. Geddes descreve um auto de fé de que foi testemunha em Lisboa.

«Sobre a Ribeira, logar ordinario das execuções em Lisboa, — erguem-se fortissimas estacas de quatro varas de altura e cujo numero é igual ao dos condemnados ás chammas. Por baixo de cada estaca está levantado um estrado formado de tabuas, sobre que assenta uma cadeira destinada ao paciente. Dois frades em pé de cada lado exhortam-n'o durante quasi um quarto de hora a que reconheça os seus erros e a penitenciar-se do seu crime. Se persiste, os frades abandon m n'o, o carrasco approxima-se e, levantando o estrado por meio de uma corrente de ferro e de uma roldana, segura a cadeira do condemnado no meio da estaca na altura de mais de uma vara. Então os frades chegam-se de novo. Dizem ao condemnado que o diabo se regosija por detraz da cadeira prompto a receber-lhe a alma para precipital-a no fogo do inferno. Immediatamente se ouvem grandes clamores e no momento em que os frades descem da escada partem de todos os lados os gritos de:

— Façam a barba aos cães! Façam a barba aos cães!

Os carrascos obedecendo a essa ordem da população pôem ramos de carqueja a arder na extremidade de longas varas e approximam-n'os por differentes vezes do rosto dos condemnados. Esta operação, que carbonisa a cara desses infelizes, que soltam gritos horriveis, é acompanhada de gritos de alegria e prolongados applausos.

Finalmente lança-se o fogo ás materias combustiveis dispostas junto da fatal estaca. Mas os condemnados estam atados pelas cadeias a tal altura, que a chamma quasi sempre lhe não passa dos joelhos. Se o tempo está calmo, o horrivel supplicio dura meia hora; mas se ha vento, o que é habitual na Ribeira, prolong-se durante hora e meia. Durante este tempo o povo corresponde aos gritos de desespero e de agonia dos desgraçados pelas palavras — *Misericordia por amor de Deus!* e homens mulheres e creanças todos mostram os transportes de alegria digna de cannibaes!»

João de Mendonça.

RESENHA NOTICIOSA

Congresso municipal de beneficencia. Sob a presidencia de S. M. El-Rei o Senhor D. Luiz, reuniu hontem nos Paços do Concelho de Lisboa, o congresso de beneficencia, afim de discutir os orçamentos do corrente anno e do de 1887.

Jardim Zoologico. Reuniu no dia 27 de novembro ultimo a assembléa geral d'aquelle estabelecimento, presidindo ao acto, na ausencia do sr. Mendes Monteiro, o sr. Luciano Cordeiro, servindo de secretarios os srs. Sousa Martins e Vicente Monteiro. Foi acclamado presidente honorario, em substituição do fallecido rei D. Fernando, S. A. o principe D. Carlos. Expoz se o estado difficil em que se encontra aquella instituição; rasoou se que ella tinha tanto, ou mais direito a ser protegida pelos governos, do que outros estabelecimentos artisticos; declarou-se que por parte do governo ha as melhores disposições para lhe prestar auxilio, e disse-se que tanto este como a camara municipal deviam concorrer para isso, completando assim os louvaveis intuitos, manifestados nas ultimas sessões d'aquella, para proteger e animar as artes. Foi uma bella creação o Jardim Zoologico, e admira, como apesar do favor publico, e da bisarra offerta do local, onde está estabelecido, não tenha tido progresso risonho. É porém necessario não o deixar perder, antes se percam quaesquer eleições.

Ouro e carvão em Lourenço Marques. Disse-se, ha já bem tempo que se haviam descoberto no terreno que pela ultima demarcação, haviamos cedido inconsideradamente aos boers, na Africa do sul, ricas minas de ouro. Infelizmente era isso verdade. Devia-se ter procedido a um reconhecimento consciencioso n'esses terrenos, antes de se proceder á demarcação. Como porém todos os males tem a sua compensação, chegam nos ultimamente noticias de que não só já havia trese annos que se tinha reconhecido ouro em alguns terrenos, mas ultimamente descobriram-se vastos depositos carboniferos, de que um grupo de naturalistas vieram fazer o registo legal na capital d'aquelle districto. Constou pois o registo de cinco jazigos auriferos, que se estendem até á fronteira do Transvaal na margem esquerda do Sabe, a alguns kilometros de juncção d'este com o *Incomati*. O terreno de cada mina ou jazigo abrange cerca de 25 kilometros quadrados, de modo que todas se tocam. Além d'isso reconheceram tambem uma larga região carbonifera. Isto em exploração deve dar grande vida áquella provincia e districto, mas para isso é necessario que prossigam com toda a actividade os trabalhos do caminho de ferro. O concessionario, ao que parece, não dá signal de vida, cumpre pois ao governo arredal-o, e caminhar avante.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Compendio de historia de Portugal para uso das escolas primarias e dos candidatos ao magisterio primario do 1.º e 2.º grau, por Carlos A. dos Santos Affonso, etc. Livraria Portuense de Lopes & C.ª, editores, Porto. É um trabalho bastante desenvolvido e sob um plano differente do que até hoje se tem adoptado para este genero de compendios. Tem a vantagem de tanto servir para o estudante como, para consulta rapida e facil, o termos sobre a nossa secretaria, porque contem de uma forma clara e breve todos os factos mais importantes da nossa historia que importa saber. Tão pequeno livro póde forrar a manoseassão dos grandes volumes.

Estudos eborenses, *historia, arte, archeologia*, pelo sr. Gabriel Pereira. *Loios* (antigo mosteiro ou casa de S. João Evangelista) os *azulejos*, o palacio Cadaval, a renascença em Evora, no seculo XV, elementos para a historia da arte. Evora. *Minerva eborense* de Joaquim José Baptista, rua d'Aviz, n.º 93. 1886. — Descreve o sr. Gabriel Pereira o assento do mosteiro no sitio do antigo castello destruido em 1384: diz-nos do seu fundador, D. Ruy ou Rodrigo de Mello, 1.º conde de Olivença, primeiro capitão de Tanger depois da conquista, que lançou a primeira pedra no edificio a 6 de maio de 1485, carregando elle mesmo a pedra e tres cestos de terra ás costas. Descreve o mosteiro e igreja, com as diversas feições que lhe imprimiram as reconstrucções de diversas épocas. Dá-nos conta das diversas sepulturas que enchem a igreja, o que é um tratado de historia, merecendo-lhe especial menção as duas famosas campas de bronze de relevo baixo de D. Branca de Vilhena e de seu marido Ruy de Sousa, senhor de Sagres, as unicas em Portugal d'aquella natureza. Ha porém um erro, ou na inscripção ou typographico; Ruy de Sousa, fallecendo quando acompa-

nhara D. Manuel e sua primeira mulher a rainha D. Izabel a Castella e Aragão, não podia morrer em maio de 1497. Não nos permitte o espaço fallar miudamente do que se contem n'este opusculo de 32 paginas apenas, mas cheio de noticias, no qual se mencionam os principaes especimens de azulejos dos diversos edificios da cidade, em geral notaveis, e se dão algumas noticias de outras obras de arte e da renascença em Evora.

Forasteiras por João de Brito, *Imprensa Economica, Bahia.* Chega-nos da Bahia este primoroso livro de versos, firmado por João de Brito, um poeta brazileiro que se distingue notavelmente entre a pleiade de poetas d'aquelle paiz, tão propenso a poesia fecundada sob um sol ardente, ao calor do qual tanto brota a vegetação uberrima das suas florestas, como as idéas levantadas e sublimes dos seus poetas. É assim que, ao folhearmos as *Forasteiras* do sr. João de Brito, não podemos deixar de nos deter na leitura das inspiradas poesias dispersas por aquellas paginas, e é sem duvida um grande triumpho para um poeta, quando os seus versos são lidos de preferencia, hoje que a cada momento somos assaltados por poesias e poetas que esgrimam com as musas em desesperada peleja, sem conseguirem que ellas lhes dispensem, ao menos, um poucochinho de senso commum. As *Forasteiras* seria uma revelação gloriosa, se não conhecessemos já as *Vozes no ar* do mesmo poeta, por isso, sem termos que annunciar um poeta novo, temos que saudar um poeta de raça que vem confirmar com o seu novo livro a justa fama que o primeiro lhe grangeou.

Elementos de chimica organica, *redigidos segundo os programmas do 3.º, 4.º e 6.º annos dos lyceus, por Julio de Carvalho Vasques e Alberto de V. Cid. alumnos da escola medico-cirurgica do Porto. 1.ª edição revista e prefaciada pelo ex.mo sr. dr. Antonio Joaquim Ferreira da Silva, etc. Porto, Livraria Portuense de Lopes & C.ª, successores de Clavel & C.ª.* 1886. Os auctores pretenderam introduzir na exposição dos elementos da chimica organica, os methodos que mais claramente permittem comprehender o nexo entre as doutrinas, tão variadas, que constituem o vasto campo da chimica dos compostos de carbonio Escolhendo apenas, como convem ao ensino elementar, as especies chimicas cujo interesse é maior, coordenaram o seu estudo, segundo a noção dominante de funcção chimica; e assim dividem o livro em secções partindo dos corpos mais simples para os mais complicados: primeiro os *hydro-carbonetos*, depois successivamente os *alcooes*, os *aldehydos*, os *acidos*, os *etheres*, os *alcalis*, e as *amidas*. Debaixo d'este ponto de vista, este livro póde ser util aos estudiosos e particularmente aos que se preparam a entrar nos cursos superiores. Ás doutrinas de chimica pura, juntaram os auctores diversas noções de chimica applicada, que são exigidas pelos actuaes programmas da 2.ª parte da cadeira de chimica do 6.º anno do curso dos lyceus. Tal é o juizo do sr. dr. Ferreira da Silva, ao qual nada temos a accrescentar.

Revista Federal publicação do Club Republicano Rio-Grandense. Commissão redactora: Alvaro Chaves, Paula Maiwald e Romaguerra Corrêa, gerente Bruno Chaves. Rio de Janeiro. É uma revista interessantissima quer sob o ponto de vista doutrinario quer sob o ponto de vista litterario.

Curso graduado de themas francezes sobre a morphologia e a syntaxe d'essa lingua, coordenados sob um plano inteiramente novo para servirem de exercicios de applicação a qualquer boa grammatica franceza, por Jacob Bensabat, professor de inglez no lyceu do Porto, etc., etc. Livraria Portuense de Lopes & C.ª, Porto. O pequeno curso do sr. Bensabat que tivemos occasião de lêr é effectivamente de um grande auxilio para o estudo da lingua franceza, tão generalisada e tão precisa no nosso paiz. Com este livro completa melhor o estudante o seu estudo pratico que não só o habilita a fazer um melhor exame, mas ainda, e é o que mais importa, a fazer bom uso do que estudou, nas necessidades da vida pratica.

Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa, *fundada em 1875, Lisboa, Imprensa Nacional, 1885.* — 5.ª serie, n.os 11 e 12, reunidos em um fasciculo, encerra elle, além das actas do referido anno, e indice d'ellas, um trabalho do sr. J. J. Machado, engenheiro, que tem sido enviado á Africa oriental varias vezes, e ultimamente para a conclusão do estudo do caminho de ferro de *Lourenço Marques* ao *Transvaal*, communicação que o auctor fez á referida sociedade em quatro conferencias publicas nas sessões de 9 e 16 de novembro, 2 e 14 de dezembro de 1885, acompanhada do esboço de uma carta do sul da Africa. N'esse relatorio, ou informação em resposta a certas perguntas feitas pelo secretario da sociedade, encontram-se especies importantes, sobre as nossas colonias de Moçambique e Lourenço Marques, sobre as inglezas do Natal e do Cabo, sobre o Transvaal, Zululandia, Betchuana, Estado de Orange, e em geral sobre todo o sul da Africa; apresentam-se dados muito curiosos sobre o seu desenvolvimento, usos, costumes; patenteam-se algumas opiniões de jornaes e livros a nosso respeito, que o conferente reproduziu ou extractou, fazendo vêr a injustiça d'ellas. Depois de referir tudo quanto entendeu conveniente para satisfazer ás perguntas da sociedade, faz como que um appêllo ao commercio portuguez que deve dirigir-se para a provincia de Moçambique, que entende ser mais rica, de mais producção que a de Angola, e cuja distancia, com os meios de communicação de hoje, não é muito mais consideravel. Acompanha este fasciculo uma *planta hydrographica* do Porto da Praia na ilha de Sant'-Iago de Cabo Verde levantada pelos srs. Emygdio Fronteira, segundo tenente, e Francisco Assis Camillo Junior e Hugo de Lacerda, guardas-marinhas em 1882 e um folheto *Le Congo,* communication à la societé, par G. Arthur (Maros Ujvar, Transylvanie) membro correspondente da sociedade, na qual, pondo a descoberto o estado de decadencia e de phantisia do novo *Estado livre do Congo*, mostra os inconvenientes de similhante tentativa, e parece predizer-lhe consequencias funestas, pela falta de producção adquada aos usos e necessidades dos europeus.

O brigadeiro Villacampa

Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa fundada em 1875, 6.ª serie, n.º 1. Lisboa, Imprensa Nacional, 1886. — Encerra este fasciculo: o *Zaire submarino*, pelo sr. Ernesto de Vasconcellos, curiosa noticia de uma formação a que tem dado logar os detrictos que a corrente do rio traz em suspensão, devendo em tempos remotos, junta ao delta do Niger, e combinado com a disposição das ilhas do Golfo da Guiné, vir a formar um enorme delta que virá a alterar a feição do golfo, e a direcção das correntes, o que convem estudar periodicamente. *Exploração botanica de S. Thomé* pelo sr. Julio Henriques, dando a classificação dos productos da fauna e flora exploradas pelo sr. Adolpho F. Moller, conductor de trabalhos em serviço no jardim botanico de Coimbra. *Districto de Manica,* carta do capitão secretario do districto de Manica, o sr. José Xavier de Moraes Pinto, com algumas noticias d'aquelle districto interessantes. De *Inhambane a Lourenço Marques,* curioso e muito interessante itinerario de uma decidida viagem entre aquelles dois districtos, repleto de factos, noticias e observações importantes pelo sr. Armando Longle. — *Voayge dans l'ile d'Orango* (Guiné portugaise) pelo sr. Max Astrié, vice-consul da Turquia em Bolama e Bissau. *Genealogia do celebre navegador portuguez Diogo Cão,* pelo sr. visconde de Sanches de Baena, no que pouco accrescenta ao que se conhece; a citação do livro II de *Hist.* do archivo da Torre do Tombo deve corrigir-se para II dos *Misticos*, e devia antes citar o registo original da chancellaria de D. João II, embora custe mais a lêr. O resumo do documento é muito imperfeito. Por elle se vê que Gonçalo Cão fez grandes serviços a D. Ioão I *dando-lhe Badalhouce* (*Badajoz*) que o pae de Diogo Cão fizera serviços nas guerras de Africa a D. Affonso V, e que a este e a D. João II os fizera o filho na paz e na guerra, etc. A 8 de abril de 1484 D. João dera uma tença a Diogo Cão. *Novas jornadas de Silva Porto,* continuação do Diario do notavel explorador africano.

Dramas Modernos, por Emilio Richebourg, traducção de Cunha e Sá. David Corazzi, editor, Lisboa. Já está publicado o 5.º volume d'este magnifico romance, um dos mais notaveis que ultimamente tem publicado a acreditada empreza Horas Romanticas.

Sonetos e Rimas de Luiz Guimarães, Tavares Cardoso & Irmão, editores, Lisboa. É uma segunda edição do explendido livro de versos de Luiz Guimarães, o brilhante poeta brazileiro que tem honrado a poesia do seu paiz com as mais sentidas estrophes, e adquirido já um nome celebre entre os modernos poetas que cultivam a lingua de Camões. Esta edição é prefaciada por Fialho de Almeida, outro talento vigoroso que já tem o seu logar de honra na litteratura portugueza. Que diremos dos versos de Luiz Guimarães, que o publico não tenha já ouvido pela bocca da critica, unanime em tecer os mais levantados elogios ao seu auctor. Luiz Guimarães não é um poeta novo ou desconhecido que apresenta em publico os seus primeiros trabalhos. A gloria do seu nome ha muito que brilha entre o publico dos dois paizes irmãos pelo sangue e pelos sentimentos; de resto a critica do livro está feita desde a sua primeira edição, e essa critica não podia ser mais justa nem mais levantada. Percorrendo as paginas dos *Sonetos e Rimas* não sabemos qual nos seduz mais pela belleza da linguagem, pela inspiração do poeta. D'essas paginas extratamos n'outro logar do nosso periodico alguns sonetos, para que, se o leitor não conhecer ainda o poeta, não tomar as nossas palavras á conta de réclame, apezar de não termos fama de benevolos.

O ultimo beijo, por Henrique Peres Escrich, traducção livre, Joaquim Antunes Leitão, editor, Porto. Mais um novo romance de Escriche, com que o sr. Joaquim Antunes Leitão brindou os numerosos assignantes da sua bibliotheca, onde se contam os melhores romances d'este auctor, tão apreciado pelo publico, pela moralidade dos seus contos e pelo interesse que sabe incutir ao leitor com o bem urdido da acção. *O ultimo beijo* não desmerece dos outros romances de Escriche.

Typ. Elzeviriana — R. do Instituto Industrial, 23 a 31 — Lisboa.